

SOBRE A DISTÂNCIA ENTRE JERUSALÉM E ATENAS: Notas sobre a Relação entre Sócrates e Cristo

ABOUT THE DISTANCE BETWEEN JERUSALEM AND ATHENS: Notes on the Relationship between Socrates and Christ

*José C. Lopes Marques**

RESUMO: O presente trabalho pretende discutir relação entre Sócrates e Cristo, tema recorrente na história da teologia desde os seus primórdios. A abordagem, no entanto, tomará como hipótese inicial o distanciamento entre os dois autores, rejeitando, desse modo, a tendência comum no sentido de apontar uma uniformidade entre o mestre da ironia e o mestre das parábolas. O confronto será feito a partir de quatro questões fundamentais, a saber, a compreensão do filósofo grego e de Jesus acerca do virtuoso, o papel da humildade na construção de sua ética pessoal, o entendimento acerca do amor e, por fim, a conduta dos dois mestres diante da iminência da morte.

PALAVRAS-CHAVE: *Sócrates; Cristo; amor; humildade.*

ABSTRACT: This paper discusses the relationship between Socrates and Christ, a recurring theme in the history of theology from its beginnings. The approach, however, will take as initial hypothesis the gap between the two authors, rejecting thus the common tendency to point uniformity between the master of irony and the master of the parables. The clash will be based on four key issues, namely the understanding of the Greek philosopher and Jesus about the virtuous, the role of humility in building their personal ethics, understanding of love and, finally, the conduct of two masters on the verge of death.

KEYWORDS: *Socrates; Christ; love; humility.*

1 Introdução

A tentativa de aproximação entre Sócrates e Cristo não é novidade na história da teologia. Frequentemente, busca-se encontrar paralelos entre o filósofo ateniense e o mestre galileu, seja do ponto de vista das circunstâncias que envolveram suas vidas, seja em relação à doutrina que ensinaram. Em termos históricos, Justino, o Mártir, foi o primeiro pensador cristão a tentar aproximar esses dois personagens. Para o apologista, através da *Semente do Logos*, presente em todos os homens, o mestre de Platão havia conhecido o Nazareno. O anseio de tornar a fé cristã aceitável em um contexto em que a figura de Sócrates era praticamente idolatrada levou o Mártir a relacionar Cristo ao filósofo grego. Os dois líderes destacaram-se por sua conduta moral inabalável, foram mortos por conta de divergências religiosas, nunca escreveram nenhum livro, mas tiveram sua doutrina imortalizada pela pena de seus discípulos.

* Professor efetivo de Filosofia na rede pública do estado do Ceará e professor visitante no Seminário Batista do Cariri (SBC), na Faculdade Batista do Cariri (FBC) e no Centro de Treinamento Eclesiástico e Missões (CETREM). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará e mestre pela mesma instituição.

Mesmo a despeito de certos pontos de contato entre Sócrates e Cristo, as divergências entre estes dois mestres são tão gritantes que é praticamente impossível a compatibilização entre ambos. Apesar de ter sido acusado de acrescentar novas divindades ao panteão grego, Sócrates continuou politeísta por toda a vida. Suas últimas palavras, antes de ter o corpo paralisado pelo efeito devastador da cicuta, comprovam que o pensador ateniense não havia negado por completo a religião tradicional. Ele rogou ao seu amigo Críton que pagasse um galo que estava devendo a Asclépio. Esse conceito politeísta representa um grande abismo entre Sócrates e Cristo. Além disso, Jesus é seguido e auxiliado por mulheres, tendo-as em grande honra, algo inconcebível para o filósofo grego. De fato, Em suas caminhadas pelas estradas empoeiradas da Galileia, o filho de Maria prega, conversa e é seguido por mulheres, mas não é comum encontrar Sócrates conversando com uma mulher. De fato, uma das únicas mulheres descrita nos diálogos socráticos é uma personagem fictícia denominada Diotima, encontrada no *Banquete*. Os discípulos de Cristo, em geral, estão entre as pessoas mais simples da comunidade, em sua maioria, pescadores; os de Sócrates, entretanto, fazem parte da aristocracia ateniense. Por fim, enquanto o filósofo grego demonstrou espírito de bravura e coragem, o Nazareno apavorou-se diante da morte.

Diante do que foi considerado acima, o presente estudo abandonará a tendência que busca encontrar similaridades entre Cristo e Sócrates, concentrando-se, antes de tudo, naquilo que separa o mestre judeu do pensador ateniense. A confrontação será feita a partir de alguns diálogos platônicos, principalmente, aqueles relacionados ao julgamento, defesa e morte de Sócrates e alguns relatos sobre Jesus encontrados nos Evangelhos. A pesquisa, obviamente, não será exaustiva. De fato, serão selecionados alguns temas para, a partir deles, considerar as divergências entre Cristo e Sócrates. Como os mestres nada deixaram por escrito, partiremos do princípio que aquilo que deles escreveram seus respectivos discípulos é verdadeiro.

2 Entre o virtuoso e o ímpio

Nunca te associes a homens ímpios; viva apenas com os virtuosos. Porque você aprenderá virtude com os virtuosos, mas perderá a sua própria razão com os ímpios. (Dito atribuído a Sócrates).

E os escribas e fariseus, vendo-o comer com os publicanos e pecadores, disseram aos seus discípulos: Por que come e bebe ele com publicanos e pecadores. E Jesus, tendo ouvido isso, disse-lhes: Os são não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores. (Evangelho de Marcos 2:16).

Começamos o nosso confronto entre Sócrates e Cristo com uma palavra sobre o tipo de pessoas que esses mestres atraíram para junto de si, o caráter e condição daqueles que foram contados como seus discípulos, bem como ao modo como ambos se relacionavam com as classes mais desprezadas. Por conveniência cronológica, Sócrates será descrito em primeiro lugar. Considerando a veracidade do dito atribuído a Sócrates acima, percebe-se claramente o quanto o filósofo grego tinha predileção pela companhia de homens virtuosos e evitava o consórcio com os ímpios. Neste ponto, o mestre da ironia, seguia de perto a concepção grega, segundo a qual era um ato de vergonha e

baixeza alguém de condição elevada relacionar-se com pessoas de baixa estirpe. Afinal de contas, o próprio Teognis já cantara em versos a impossibilidade de tornar um homem ímpio reto por meio da cultura (TEOGNIS *apud* BORCHERT, 1985). Perder seu precioso tempo tentando ensinar a virtude a homem injustos era algo que, definitivamente, não comprazia ao espírito socrático. A propósito, a impossibilidade de ensinar a virtude é uma das questões fundamentais que alimenta a famosa polêmica entre Sócrates e os sofistas. No *Protágoras*, por exemplo, o filósofo ateniense faz referência ao exemplo de Péricles que, tendo sido considerado por todos um homem virtuoso, não conseguira ensinar suas virtudes nem mesmo aos seus filhos. Os ímpios, pelo menos, para o Sócrates proveniente da pena de Platão, eram, por natureza, incorrigíveis. Consequentemente, constituía-se em um desperdício dedicar-se a eles. Por conta dessa concepção, durante as circunstâncias que envolvem o julgamento e morte de Sócrates, jamais será ouvida da boca do filósofo grego uma exortação aos seus injustos acusadores, a fim de que se arrependam e abandonem a injustiça.

Como pode ser visto, o modo de Sócrates relacionar-se com as pessoas é fruto de sua compreensão acerca da virtude. Eis a razão para que homens de conduta duvidosa não sejam contados entre os seus discípulos. De fato, entre os seguidores do filósofo grego estão jovens da aristocracia ateniense e de outras cidades gregas, todos tidos por virtuosos. Seu papel era unicamente despertar as virtudes inatas de cada um dos discípulos. O exemplo de Platão¹ e seus irmãos Glauco e Adimanto, pertencentes a uma das mais tradicionais famílias de Atenas, e muitos outros de origem aristocrática como Críton, Fédon, Apolodoro, Cebes, Símias, Euclides, Fedro e Mênon, parecem confirmar essa máxima. Para Sócrates, a indiferença é a conduta mais esperada e louvável de um homem sábio em relação a pessoas de condição inferior, seja do ponto de vista social ou do ponto de vista moral. O desprezo pelos homens ímpios vê-se claramente no modo como Sócrates se dirige aos seus acusadores. Na *Apologia* escrita por Platão, o velho mestre tem contra Ânito e Meleto palavras bastante severas (PLATÃO, 2004). Já na *Apologia* de Xenofonte, em tom implacável, desdenha a condição miserável de Ânito e chega a profetizar o modo como o filho deste cederia aos ardis da impiedade (XENOFONTE, 2004). O desprezo de Sócrates em relação aos seus detratores indica a total incongruência entre homens virtuosos e ímpios.

Não poderíamos deixar de considerar nesse tópico a maneira de Sócrates relacionar-se com as mulheres. Que o filósofo grego nutria por elas pouca estima, percebe-se facilmente nos diálogos platônicos. No *Fédon*, por exemplo, quando alguns discípulos choram ao perceber a iminência da morte do mestre, Sócrates brada raivosamente contra essa falta de moderação, atitude digna apenas de mulheres (PLATÃO, 2004). Por sua falta de comedimento e por sua fraqueza de espírito, as mulheres não eram sequer dignas de estar entre os filósofos. A propósito, vemos, na *República*, Platão colocar na boca de seu mestre que os homens não deveriam imitar mulheres e escravos (PLATÃO, 2001). É bastante denunciador o fato que, durante o intervalo entre a sentença dos juízes e a execução da pena, a ausência da esposa de Sócrates é quase completa. Na verdade, na única ocasião em que Xantipa é descrita diante do esposo, o filósofo pede a Críton que a retire de sua presença pelo fato dela não ter contido o choro em virtude de sua morte. Logo que Xantipa é retirada, o filósofo volta a dedicar suas horas finais aos seus discípulos. A verdade é que o contato de

¹ Na introdução aos diálogos de Platão da coleção Os pensadores, Platão está ligado a figuras eminentes da política ateniense, como o grande legislador Sólon, Pírilampo, personagem de destaque no governo de Péricles, além de Cármides e Crítias, integrantes dos Trinta tiranos.

Sócrates com mulheres é bastante raro. É sabido que Xenofonte, em sua obra *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, relata um suposto encontro entre o mestre de Platão e uma mulher ateniense chamada Teódota. Mas, neste caso, fica claro que o filósofo grego vai à sua residência simplesmente para repudiar a sua vida fácil e desdenhar as suas estratégias para seduzir os homens (XENOFONTE, 2004).

As palavras do Evangelho citadas no início desse tópico já denunciam o distanciamento entre Sócrates e Cristo. Quando Jesus declara que não veio para buscar os justos, mas os pecadores, tal assertiva não se constitui em mera retórica sem evidência prática. Esta é, na verdade, a máxima que guiou o ministério público do mestre galileu. Para se verificar a veracidade dessa declaração basta observar o exemplo de alguns dos discípulos mais íntimos. Dentre eles, encontramos Pedro, homem de caráter intempestivo, irascível e sem perseverança. Certamente, esse pescador de hábitos rudes não era nenhum modelo de virtude. O que dizer de alguém como Levi, o cobrador de impostos taxado de roubador e odiado por sua própria gente? Dos intemperantes filhos do trovão, Tiago e João? Estes, certamente, jamais poderiam ser considerados dignos de ouvir o ensino ou mesmo desfrutar da companhia de alguém como Sócrates. Longe de considerar como perda de tempo ou indignidade, Cristo tornou o relacionamento com tais pessoas o foco de seu ministério terreno.

A preferência de Cristo pelos injustos era uma atitude que estarrecia as próprias autoridades religiosas de Israel. O fariseu que convida o Mestre para jantar em sua casa escandaliza-se ao observar que Jesus permite ser tocado por uma mulher pecadora. Tal gesto não era condizente com alguém que era tido como profeta (BÍBLIA, 2002). Em outra ocasião, o mestre nazareno é duramente criticado pelos líderes religiosos por receber pecadores em sua companhia e comer com eles. Pode ainda ser mencionada aquela surpreendente ocasião em que Cristo, voluntariamente, vai à residência do publicano Zaqueu para desfrutar de sua companhia. Ali ele teve que enfrentar os murmúrios daqueles que não admitiam a sua comunhão com pecadores. Definitivamente, alguém como Sócrates jamais dividiria a mesa com pessoas tão contrárias à virtude. Sabemos que Sócrates também costumava frequentar refeições, mas em sua companhia estão sempre os homens mais virtuosos e sábios. Que diferença entre aqueles que estão com Sócrates à mesa no *Banquete* e aqueles que compartilham o pão com Jesus nos Evangelhos. Quando uma mulher, supostamente pega em adultério, foi trazida para ser apedrejada, o mestre judeu colocou-se claramente ao lado dela. Nem mesmo no momento mais dramático de sua existência, quando foi cravado em uma cruz entre dois malfeitores, Jesus recusou a comunhão com aquele que o buscou. Nas últimas horas, confirmou a máxima que orientara toda a sua existência: uma inexplicável e generosa predileção por homens e mulheres contrários à virtude, por pecadores.

O exemplo mais radical para ilustrar a incomparável e, às vezes, incompreensível predileção de Cristo por pessoas não virtuosas é, sem dúvida, o de Judas, o discípulo traidor. Como o mestre das parábolas poderia ter buscado a companhia de um homem tão vil? Alguém tão mesquinho capaz de entregá-lo à morte por míseras 30 moedas de prata? Como ele poderia suportar o sorriso hipócrita do falso discípulo? Como poderia compartilhar do mesmo pão com um ser tão desprezível, capaz de atos tão abjetos? O fato de Cristo saber que Judas o entregaria torna a sua conduta ainda mais extraordinária. Só para estabelecer um paralelo, imaginemos Sócrates, depois de ter sido informado acerca da denúncia de Ânito e Meleto, buscando seus delatores a fim de torná-los seus discípulos. Pelo que observamos acima, podemos

afirmar com bastante segurança que Ânito e Meleto seriam os últimos homens de quem o filósofo grego desejaria desfrutar da companhia.

Se entre os discípulos de Sócrates figuram representantes da aristocracia ateniense, os discípulos de Cristo são, em sua maioria, simples pescadores. Homens incultos e iletrados, incapazes de proferirem um discurso filosófico. Para ser mais preciso, um dos poucos de condição mais elevada a procurar Jesus foi Nicodemos, mas o fez no silêncio e escuridão da noite, a fim de não ser reconhecido. Se, ao menos, aquele centurião romano que o buscou tivesse se tornado seu discípulo, poderíamos nos alegrar por encontrar um ponto de convergência entre o filho de José e o filósofo grego. Mas nada, ele buscava simplesmente o milagre que pudesse levantar do leito o seu servo. Tudo seria diferente se Pilatos tivesse se apercebido que a verdade que ele inquiria estava personificada diante dos seus olhos e tivesse se rendido ao Galileu, então poderíamos tentar transpor o abismo entre o mestre da ironia e o mestre das parábolas. Mas nada disso ocorreu e a distância entre Cristo e Sócrates se agiganta tal qual a distância entre Jerusalém e Atenas. Entre os discípulos de Sócrates estavam muitos que se destacariam em funções públicas e conduzindo cidades. Outro era o caso dos discípulos de Jesus. Conforme salienta Philip Yancey (2002), nenhum mestre como Nicodemos ou rico patrocinador como José de Arimateia fez parte do grupo dos Doze. É preciso olhar muito para perceber nos seus discípulos alguma capacidade de liderança. A verdade é que, do ponto de vista humano, Cristo buscou as pessoas mais incapazes para que dessem prosseguimento ao seu legado doutrinário, algo que Sócrates prontamente descartaria.

Para concluir esse tópico, consideremos rapidamente o modo como Jesus se relacionava com as mulheres, e, então, teremos mais uma amostra do quanto ele se distancia de Sócrates. O relato dos evangelhos demonstra com muita clareza que o mestre das parábolas sabia reconhecer a dignidade das mulheres. Quando lemos sobre a multiplicação de pães e peixes, somos informados que dentre a multidão que ouvia a Cristo encontravam-se não apenas homens, mas mulheres e crianças. Consideremos, no entanto, exemplos mais específicos. Para tal, podemos pensar nas irmãs de Betânia, em Marta e em sua irmã Maria que costumava ouvir atentamente os ensinamentos do mestre. De forma surpreendente, ouvimos Lucas relatar que, em certa ocasião, tendo Jesus saído para pregar em certas cidades com os Doze, algumas mulheres, como Maria Madalena, lhe acompanhavam. Neste mesmo contexto, o evangelista menciona mulheres que serviam ao mestre com seus próprios bens. Se o discipulado feminino já é algo incompatível com a mentalidade socrática, imaginemos o filósofo grego sendo sustentado por mulheres. Cristo, por outro lado, sempre se demonstra acessível ao sexo feminino. Mesmo quando procurado por uma mulher estrangeira, ele não se recusa a ouvir a sua queixa e a atender o seu pedido. Se Sócrates, nos momentos que antecedem a sua morte, despede as mulheres, inclusive a sua, para desfrutar da companhia de seus discípulos, Jesus, com exceção de João, tem apenas algumas mulheres chorando a sua morte ao pé da cruz. Contudo, nada parece acentuar a distância entre Sócrates e Cristo em sua relação com o sexo oposto como o famoso diálogo com a Samaritana.

Que homem culto entre os judeus, ou que sábio entre os gregos teria desperdiçado um dos seus elevados pensamentos com uma mulher. Ela teria que ser mulher de dons mentais excepcionalmente notáveis. Mas no caso de Jesus a mulher provinha das classes mais baixas da sociedade, era do tipo mais comum e pertencia a uma raça detestada (BORCHERT, 1985, p. 36).

O encontro de Jesus com a mulher de Samaria parece lembrar o encontro entre Sócrates e Teódota, já aludido nesse tópico. Não obstante, faz-se necessário esclarecer que a atitude do filósofo grego é de zombaria e desprezo em relação à sua anfitriã, Cristo parece demonstrar um sincero interesse em relação à Samaritana, tanto é que os próprios discípulos ficam escandalizados com o diálogo entre seu mestre e aquela mulher. De fato, o tratamento que Jesus dispensa ao sexo feminino é algo que choca os padrões de sua própria cultura². A condição servil da mulher tornava indigno o fato de um rabi dirigir-lhe a palavra. J. Jeremias (1983), fazendo alusão a um dito rabínico, nos diz que era vergonhoso a um aluno de escriba falar com uma mulher na rua. O dito de Ben Siraque, segundo o qual “era melhor a maldade do homem do que a bondade da mulher”, parece indicar a razão para tal visão. Uma amostra ainda mais evidente dessa visão negativa pode ser encontrada em um trecho do evangelho pseudoepígrafo de Tomé³, onde se lê o seguinte:

Simão Pedro disse-lhe: ‘Que Maria saia de nosso meio, porque as mulheres não são dignas da Vida!’ Disse Jesus: ‘Vede que eu me encarregarei de fazê-la homem, para que também ela se torne um espírito vivo, semelhante a vós, homens. Pois cada mulher que se fizer homem entrará no Reino dos Céus (EVANGELHO DE TOMÉ, 2004, p. 597).

Certamente, o episódio narrado pelo apócrifo de Tomé poderia se encaixar dentro de uma visão socrática, mas é totalmente estranho à maneira do Mestre relacionar-se com as mulheres, conforme se observa nos relatos sinóticos. Cristo não hesitou em dedicar muito de seu corrido tempo para ouvi-las, mesmo aquelas mais discriminadas pela sociedade de seu tempo, teve mulheres como discípulas e chegou a aceitar humildemente o seu auxílio material. Até mesmo nas horas finais de sua vida, não recusou uma última comunhão com elas no Calvário. O trato com as mulheres apenas confirma o cuidado que Jesus tinha em relação às classes desprezadas pela sociedade. De fato, ele fez de sua vida e ministério a busca constante por tais pessoas. Por fim, se Sócrates tem predileção por homens virtuosos para simplesmente despertar as suas capacidades inatas, o mestre das parábolas procura homens ímpios a fim de transformar o seu caráter por meio do discipulado. Esta conduta é fruto dos pressupostos abraçados pelos dois mestres. Se em Sócrates a verdade já está contida no discípulo, cabendo ao mestre a função de despertá-la com sua arte maiêutica, nos termos de Kierkegaard (2011), o discípulo de Cristo é aquele que está na não-verdade, antes do encontro com o mestre.

² Um estudo bastante esclarecedor sobre a condição social da mulher na época de Cristo encontra-se no clássico *Jerusalém no tempo de Jesus*, de Joaquim Jeremias.

³ De origem gnóstica, este evangelho apresenta uma visão bastante negativa da mulher. De fato, segundo Peter Jones, o Gnosticismo vê as mulheres e o desejo sexual por elas como um obstáculo à libertação do mundo material. Para que a libertação seja possível, é preciso fugir dos grilões da feminilidade e colocar-se entre os homens.

3 Entre a dignidade e a humilhação

Começarei dizendo que Sócrates é semelhante a esses Silenos⁴ que se encontram nas oficinas dos estatuários, e que os escultores representam com avenas. E quando se abrem essas estátuas, vê-se que no interior se aloja um deus (PLATÃO – Elogio de Alcibíades, Banquete).

Pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz (Filipenses 2:6-8).

A grandeza e elevação de Sócrates percebem-se com muita clareza no discurso laudatório de Alcibíades no *Banquete*, onde se encontra o fragmento transcrito acima. Para quem costuma descartar o panegírico alcibidiano por ser proferido por um ébrio e por sua vinculação com a tendência platônica de exaltação do mestre, cabe acrescentar que, mesmo Xenofonte, cujo testemunho parece mais imparcial, confirma a altivez do mestre da ironia. Em sua *Apologia*, ele destaca, por exemplo, em tom de elogio, a conduta soberba de Sócrates diante do tribunal, elevando-se por meio do discurso em relação aos seus juízes e acusadores (XENOFONTE, 2004). Isso demonstra como a grandeza do filósofo grego foi reconhecida por seus contemporâneos. A atitude de Sócrates se coaduna à mentalidade grega. Afinal de contas, o modelo do homem magnânimo, conforme indicado por Homero, era aquele que se esforçava para ter sempre a primazia ou, como diria Sófocles, uma vida exaltada pela honra e uma morte coroada pela fama deveria ser a única ambição dos homens nobres (BORCHERT, 1985).

Qualquer estudo introdutório sobre os manuais de ética da antiguidade irá revelar que para os gregos, a humildade não figurava na lista das principais virtudes. Em um contexto em que se valorizava a coragem, a virilidade, a força e a destreza, a atitude humilde era vista como uma demonstração de covardia e fraqueza. O homem sábio, principalmente se sua demanda fosse justa, defenderia até a morte a sua causa, sem jamais se humilhar diante de seus oponentes. A visão socrática não foge a essa regra. Na *República*, por exemplo, observamos o Sócrates platônico listar como as principais virtudes a sabedoria, própria dos governantes, a coragem, que deve acompanhar os guerreiros e a temperança, virtude que deve caracterizar os servos, sendo que a justiça consiste no fato de cada classe seguir a virtude que lhe é própria (PLATÃO, 2002). Ou seja, na mentalidade socrático-platônica não há espaço para a humildade. Principalmente, quando pensamos na humildade enquanto sujeição de uma pessoa de classe mais elevada em relação a alguém de uma classe inferior. Mais estranho à visão socrática seria a sujeição do justo ao injusto.

O mais expressivo exemplo da altivez de Sócrates encontra-se em sua defesa diante dos juízes e de seus acusadores. Em seu discurso, escrito por Platão, pode-se observar o modo como o filósofo grego procura se justificar diante das acusações, demonstrando a fraqueza dos argumentos apresentados e reiterando a sua conduta justa. De fato, a declaração feita logo no início da *Apologia* de que seus amigos nada falaram

⁴ Na mitologia grega, os Silenos, juntamente com os Sátiros são semideuses que se destacam por sua fealdade. Geralmente, são representados com pele de carneiro, pés de cabra e chifres de ovelhas.

de verdade, mas apenas perfídias e mentiras, indica a nota que marcará o discurso socrático. Durante toda a defesa, os acusadores de Sócrates são tratados como caluniadores, detratores, difamadores e ambiciosos. Não seria nenhum exagero afirmar que o tom altivo de Sócrates parece indicar que Meleto, Ânito e Licon são os réus e não aqueles que haviam movido o processo contra o filósofo ateniense. Curiosamente, em seu julgamento não é Sócrates que está em silêncio, e sim, os seus acusadores. No caso de Meleto, o mestre de Platão, de modo imponente, desafia-o a falar e toma o silêncio como prova de que sua acusação era de natureza injuriosa. É o que pode ser constatado no trecho da *Apologia* reproduzido abaixo:

Vamos, dize aos juízes o que os faz melhores. Vês, Meleto, como ficas calado sem saber o que dizer? E isso não se te afigura vergonhoso e prova suficiente do que afirmo: que nunca te preocupaste com estes assuntos? Vamos, Ó excelente homem, responde: que os faz melhores? (PLATÃO, 2004, p. 75).

Em outro trecho da *Apologia*, Sócrates desafia enfaticamente os seus adversários para que apresentem um jovem que tenha sido corrompido por seus ensinamentos, segundo o espírito da acusação movida. Dentre aqueles que haviam desfrutado dos ensinamentos do mestre ateniense, muitos estavam presentes no julgamento. Caso algum deles tivesse ouvido doutrinas contrárias à lei e à virtude, Sócrates desafia-o para que venha à tribuna e deponha contra o mestre. Depois de desafiar seus acusadores, o filósofo grego faz questão de ressaltar que, caso algum dos jovens que ouviram os seus ensinamentos viesse à tribuna, seria para defendê-lo e não para acusá-lo. Sócrates está ciente de sua conduta inabalável e isso o faz elevar-se acima dos seus acusadores. Diante da justiça, ele se orgulha por nunca ter cedido a ninguém.

O julgamento de alguém de conduta tão exemplar deveria caminhar tranquilamente para a absolvição do acusado, mas esse não foi o caso de Sócrates. Ele é condenado à morte e, dando mais uma evidência de sua altivez de espírito, aceita a pena capital, desprezando qualquer tratamento misericordioso dispensado a ele. A sua elevação e o seu espírito triunfante percebem-se mesmo diante da aceitação da injustiça e da morte. Ele desdenha a injustiça, mas não se rende a ela.

Em sua crítica tenaz contra as imagens distorcidas de Cristo em relação àquela que encontramos nos evangelhos, Chesterton (2010) afirma que o Jesus do Novo Testamento é uma pessoa com qualidades paradoxais e extraordinárias, fato que o torna singular na história da humanidade. Se nos é permitido uma ressalva à conclusão do eminente escritor inglês, aquilo que existe de mais extraordinário é exatamente a sua humildade, a sua simplicidade e sujeição. Em outras palavras, diferente de mestres renomados da antiguidade como o próprio Sócrates, o que chama atenção na figura do Messias galileu não é a sua grandeza e altivez de espírito, mas a sua baixeza e caráter humilde. Se alguém como Sócrates choca pela sua elevação, Jesus de Nazaré choca pela sua humilhação. A propósito, para fazer referência à tese desenvolvida por Otto Borchert, é precisamente por conta desse traço de sua personalidade, que a figura do Cristo tornou-se ofensiva não apenas para a mentalidade greco-romana, mas para a mentalidade do seu próprio povo. Há de fato, como salienta o autor da *Ortodoxia*, algo bastante paradoxal na figura do Cristo: em toda a história, Ele foi o único que foi grande pela sua baixeza.

A verdade é que, mais uma vez, vemo-nos obrigados a reconhecer a distância entre Sócrates e Cristo. Aquele tom altivo e repleto de ironia com o qual o mestre de

Platão se dirige aos seus acusadores em sua apologia é bastante estranho a Jesus. Para recorrer a um paradoxo, se o Filho de Deus foi grande em sua humanidade, Ele o foi por sua humildade. Este traço é percebido em cada detalhe que marcou a sua existência no mundo. Embora fosse da linhagem do grande rei Davi, nasceu em uma família paupérrima da Galileia. Se a estrela brilhou em Belém não foi para anunciar que sua vida seria coberta de glória, foi muito mais para indicar que, naquela noite, o Messias prometido compartilhava com os animais o repugnante espaço de uma estrebaria. Nem mesmo a quase anônima história dos magos do Oriente parece atenuar a sua humilhação. Tivesse sido ele festejado pelas autoridades religiosas de Israel, se Herodes, Pilatos e César Augusto tivessem lhe visitado com presentes em seu nascimento, talvez isso representasse alguma centelha de grandeza, mas nada disso aconteceu. Como prova ainda maior de sua indignidade, ainda bebê, ele teve que exilar-se e viver como forasteiro no Egito. Lembremo-nos que, em conversa com seu amigo Críton, Sócrates está disposto a beber cada gotícula do veneno letal para que não seja obrigado a exilar-se de Atenas. Para ele é melhor a morte do que se sujeitar à indignidade e vergonha do ostracismo. Como se os indícios de sua humilhação não fossem suficientes, depois de perambular pelo Egito, Jesus se estabelece em Nazaré, na Galileia, cidade de péssima reputação. Este detalhe acentua a sua indignidade. Não é à toa que os próprios fariseus questionaram a autoridade de Cristo, afirmando que nenhum profeta tinha vindo da Galileia. Até mesmo Filipe se questiona incrédulo: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré”?

Acentuando o distanciamento de Cristo em relação a Sócrates, poderíamos ainda mencionar a sua profissão de carpinteiro. No mundo grego, o trabalho manual era atribuição de servos e escravos, sendo, portanto indigno que um mestre ou alguém de condição elevada se ocupasse dele. Aqueles que se submetiam aos desgastes dos trabalhos manuais não eram aptos para o trabalho do pensamento, para a reflexão. A humildade de Jesus pode ser vista ainda no fato de Ele ter como discípulos rudes pescadores, no seu silêncio diante dos acusadores, na sua honra conferida às mulheres, na sua atenção em relação às crianças, não obstante, o exemplo do lava-pés parece realçar de modo singular o rebaixamento de Cristo. De fato, a atitude do mestre na véspera da Páscoa chocou até mesmo os discípulos mais íntimos. Como ele poderia colocar-se na posição de um escravo e lavar os pés dos seus próprios discípulos? Reconhecendo o absurdo que aquele ato representava em relação aos padrões culturais da época, Pedro coloca-se na posição de porta-voz dos discípulos e declara em um tom que mistura perplexidade e revolta que o Mestre jamais lavaria os seus pés. Lembremo-nos que os próprios discípulos já haviam discutido sobre qual deles seria o maior (Mc. 10:34). À luz de seu próprio conceito de grandeza e dignidade, como eles poderiam conceber que seu mestre se colocasse exatamente como o menor de todos? Este exemplo extremo de humildade serve para confirmar o abismo existente entre as figuras de Cristo e Sócrates. Que contraste entre os dois personagens! O mestre de Platão, com seu olhar altivo brada contra os seus acusadores e dirige-lhes sua ironia e desprezo; Cristo se ajoelha e lava amorosamente os pés de seus discípulos.

Se Sócrates tem o discurso para defender a sua dignidade diante de seus acusadores, Cristo tem no silêncio uma demonstração de sua comovente humilhação. Diferente do filósofo grego que, em seu julgamento, eleva-se em relação aos seus adversários, o Messias, semelhante ao que fazem os réus confessos, recusa a palavra e aceita passivamente as calúnias mordazes que lhe são dirigidas. A essa altura, o silêncio une-se ao total abandono para testemunhar o inefável rebaixamento do Filho do homem.

Para citar mais uma vez as palavras de Yancey (2002), nem a mais simples testemunha levantou-se em sua defesa, nenhum líder teve coragem de clamar contra a injustiça, nem mesmo Jesus tentou defender-se, até mesmo o Pai manteve-se em silêncio e distante.

E os milagres? Não seriam estes eventos extraordinários uma indicação de sua grandeza e dignidade? Esse poder não testemunhava a sua elevação? Nem mesmo os sinais e prodígios praticados por Cristo serviram para desfazer o escândalo que sua humilhação representou. Como nos lembra Borchert (1985) a grande maioria de seus milagres foram realizados diante de circunstâncias bastante anônimas, como quartos de pessoas enfermas e diante de pequenos grupos, em geral, marginalizados pela sociedade. Como se não bastasse, ele geralmente, costumava orientar as pessoas para que nada falassem acerca do milagre⁵. Segundo a visão de seus próprios irmãos, se Jesus quisesse alcançar notoriedade deveria seguir para Jerusalém, a fim de praticar diante de todas as autoridades religiosas os seus sinais. Mas, de fato, esse não era o seu propósito. Quando ele decidiu ir para Jerusalém, não foi para demonstrar sua grandeza, mas para dar a maior evidência de sua humilhação: seu sofrimento e morte.

4 Entre a predileção e a compaixão

Numa palavra, podemos então dizer que o amor é o desejo de possuir sempre o que é bom (PLATÃO, Banquete).

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. Contundo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sorte (Lucas 23:33, 34).

Um estudo comparativo entre Sócrates e Cristo não poderia deixar de considerar aquilo que os dois mestres ensinaram e vivenciaram acerca do amor. Começemos com o filósofo grego. Dentre os diálogos platônicos em que Sócrates aparece como personagem, o *Banquete* é, provavelmente, aquele que melhor aprofunda a discussão acerca do amor. Como o próprio nome indica, esta festa é ambientada em um banquete⁶ promovido por Agatão, um poeta trágico ateniense. Durante a festa, cada um dos convivas tem o encargo de proferir um discurso laudatório acerca do amor. Depois que vários convidados como Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e o próprio Agatão discursam, Sócrates, valendo-se dos ensinamentos que recebera de certa Diotima, apresenta a sua compreensão acerca do amor. Nosso objetivo nesse tópico não será analisar em detalhes o discurso socrático, mas listar alguns elementos que permitam

⁵ Para Otto Borchert, os milagres foram uma espécie de consolo diante do grande escândalo que a figura de Cristo representou; foram atos de compaixão para ajudar à fé vacilante dos discípulos. Sem esse pequeno vislumbre de sua glória eles teriam tropeçado sem esperança de recuperação.

⁶ Na cultura grega, os banquetes eram mais do que uma refeição requintada. Eram encontros de acaloradas discussões filosóficas, representando assim, o encontro entre o alimento físico e o alimento intelectual. Também no Cristianismo, o banquete tem o seu caráter simbólico. Lembremo-nos de que em um banquete Cristo realizou seu primeiro milagre – transformou água em vinho nas bodas de Caná da Galileia; em um banquete o Mestre se despediu de seus discípulos antes de sua paixão; após a ressurreição, depois de um banquete na praia do mar da Galileia, renovou o ânimo dos discípulos; os cultos primitivos eram sempre acompanhados de banquetes: as chamadas festas ágapes ou festas de amor.

confrontar a concepção de amor do filósofo grego com aquilo que Cristo ensina nos evangelhos.

A concepção grega de amor pode ser ilustrada no próprio banquete promovido por Agatão. Para a sua festa, o poeta trágico convida apenas aquelas pessoas que, no seu entender, são dignas de estarem ali, como seus amigos mais íntimos e pessoas destacadas por sua sabedoria. Dentre os que não tinham sido dignos de receber o convite de Agatão encontrava-se Aristodemo. Como desejava participar daquela festa, ele roga a Sócrates que diga a todos que o convidou. “Espero que me desculpes lá chegando. Se não o fizeres, não terei coragem de dizer que fui sem convite, mas declararei que tu me convidaste” (PLATÃO, 2001, p. 96). Reconhecendo que não tinha a dignidade suficiente para participar daquela celebração, Aristodemo recorre àquele que poderia justificar a sua indignidade. Esse detalhe encontrado no prólogo do diálogo nos permite algumas considerações acerca da compreensão socrática do amor.

Primeiramente, para Sócrates, o amor está ligado à ideia de predileção. Isso significa que só podemos amar algo ou alguém por quem nutrimos determinada afeição ou inclinação sentimental. Para a mente socrática, era absurdo que alguém tivesse, ao mesmo tempo, como objeto do seu amor o objeto do seu ódio, ou mesmo de sua indiferença. Só amamos aqueles a quem desejamos amar. Obviamente, em uma festa para celebrar o amor por meio do discurso, só deveriam estar presentes aqueles que compartilhassem dessa mútua predileção. Em consequência desse caráter prediletivo, o amor só pode ser pensado como um sentimento que se nutre em direção a um objeto desejável. Para recorrer à expressão empregada pelo próprio Sócrates na abertura desse tópico, o amor significa desejar objetos belos. De fato, a relação entre o ato de amar e o prazer sensível torna impossível que alguém ame um objeto desprezível. Para Sócrates, um objeto nos atrai em virtude de sua beleza e nos repele em função de sua feiura. Dito de outro modo, aquilo que nos parece belo, incita o nosso desejo e isto nos leva a amá-lo. Por outro lado, o feio parece despertar o nosso repúdio, impedindo-nos de amar tal objeto. No trecho do *Banquete* transcrito abaixo, percebe-se a estreita relação entre o conceito socrático de amor e a beleza.

Todo aquele que deseja atingir essa meta ideal, praticando acertadamente o amor, deve começar a sua mocidade por dirigir a atenção para os belos corpos, e antes de tudo, bem conduzido por seu preceptor, deve amar um só corpo belo e, inspirado por ele, dar origem a belas palavras (...) Em seguida considerará a beleza das almas como muito mais amável do que a dos corpos, e destarte será conduzido por alguém que possua uma bela alma (PLATÃO, 2002, p. 154).

Outro elemento importante na compreensão socrática de amor é a ideia de retribuição. Para o filósofo grego, o conceito de amor desinteressado é bastante estranho. Amamos aqueles a quem desejamos amar, mas também porque eles estão em condições de nutrir por nós este sentimento em igual medida. Neste sentido, o amor pode ser definido como uma troca que se faz entre iguais. No entender do filósofo grego, em sua própria essência, o exercício do amor anseia sempre por retribuição. O fim não é o amor em si, mas aquilo que ele pode proporcionar. Sobre esse ponto, o questionamento feito por Sócrates é bastante esclarecedor:

Ou pensas que Alceste morreria por Admeto⁷, e Aquiles, por Pátroclo⁸, e o vosso próprio Codro⁹ para legar o governo a seus filhos, se não tivessem pensado que a sua intrepidez deixaria para os tempos futuros uma memória imortal, uma memória como a que lhes votamos agora? (PLATÃO, 2001, p. 152).

Como se vê, na concepção socrática, mesmo os sacrifícios não falam sobre uma abnegação plena em prol da pessoa amada, mas um esforço heroico para alcançar uma recompensa a qual, na visão daquele que se sacrifica, é infinitamente superior ao sacrifício praticado. Justificando os exemplos de sacrifícios mencionados acima, Sócrates acrescenta que tais personagens não se sacrificaram pelo amor em si, mas pelo amor à imortalidade.

Predileção, retribuição e desejo são termos indissociáveis à compreensão socrática do amor. Diametralmente oposta a essa ideia encontra-se o amor vivenciado e ensinado por Cristo em seus discursos. Compaixão, dever e sacrifício encontram-se na essência desse conceito de amor. Certamente, se Sócrates tivesse tido a oportunidade de ouvir Cristo ensinando que devemos amar os nossos inimigos, taparia os ouvidos escandalizado. A radicalidade do amor ensinado por Jesus em contraposição à compreensão grega foi analisada com muita propriedade pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard no escrito *As obras do amor*. Por esta razão, retomaremos neste tópico algumas conclusões apresentadas por este filósofo no referido texto.

Curiosamente, Kierkegaard ilustra o caráter exigente do amor ensinado por Cristo fazendo alusão à parábola do homem que dá um banquete e convida não os familiares e amigos importantes, mas os cegos, aleijados e desprezados da sociedade. Tal atitude requer o exercício de um amor não marcado pela predileção e pela afeição, pois o convite seria feito a pessoas bem pouco desejáveis. Neste contexto, entra em cena a dimensão exigente do amor. Tais pessoas não possuem nada digno de ser amado. Não há prazer em amar o desprezível, mas é dever do cristão amá-lo mesmo assim, diria o pensador dinamarquês. Deve-se acrescentar, não obstante, que a questão não reside em apenas alimentar as pessoas pobres. Essa refeição precisa ter a dignidade de uma grande festa.

“Aquele que alimenta os pobres, mas não sobrepuja seus sentidos a ponto de chamar esta refeição de um banquete, só vê no pobre e no pequeno um inferior; aquele que dá um banquete vê no pobre e no pequeno o próximo – por mais ridículo que isso possa parecer aos olhos do mundo” (KIERKEGAARD, 2007, p. 104).

⁷ Admeto, rei da Tessália, gravemente ferido, consultou um oráculo e deste soube que somente escaparia da morte se alguém tomasse o seu lugar. Sua esposa Alceste substituiu-o. Hércules, impressionado com tanta devoção, desceu ao Hades e de lá trouxe a esposa de Admeto. (Nota da tradução portuguesa publicada pela editora Martin Claret).

⁸ Mesmo sabendo que estava fatalmente condenado a perecer se Heitor morresse, Aquiles não hesitou em matá-lo para vingar a morte de seu amigo Pátroclo. (Nota da tradução portuguesa publicada pela editora Martin Claret).

⁹ Codro foi o último rei de Atenas. Consultou o oráculo acerca da ameaça que os heráclidos faziam à Ática e soube que o povo cujo chefe fosse morto seria o vitorioso. Disfarçou-se e feriu um soldado sendo morto por este último. Os atenienses, em homenagem a Codro, aboliram a realeza mas escolheram para primeiro arconte, Medon, filho de Codro. (Nota da tradução portuguesa publicada pela editora Martin Claret).

Em suma, a novidade encontrada nos ensinamentos de Cristo está não apenas em ordenar que se ame, mas, sobretudo, que se ame o desprezível, o odioso, o inimigo que nos ofende. Na conhecida passagem do Sermão do Monte, Jesus expressa o seu entendimento radical acerca do amor. Vejamos:

Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, vir a chuva sobre justos e injustos. Porque se amardes o que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo. Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste (BÍBLIA, 2008, p. 1251).

Como se percebe no trecho acima, as ideias de predileção e retribuição não podem encontrar respaldo no tipo de amor ensinado por Cristo. Para o mestre das parábolas, o amor deve ser ensinado e praticado a partir de sua relação com a compaixão, com a misericórdia. Quando o amor é baseado na predileção, como no caso de Sócrates, a compaixão é desnecessária, pois, neste caso, ama-se o desejável. Ademais, a relação amorosa é pactuada entre iguais. Não obstante, no amor proclamado pelo Mestre no Sermão do Monte, a predileção não encontra guarida. É preciso amar e amar o desprezível, o carente em absoluto, por isso, a compaixão é imprescindível. Além disso, a ação generosa é dirigida a alguém que não está em condições de retribuir esta manifestação de amor. A propósito, do mesmo modo que Jesus substitui a predileção pela compaixão, no lugar da retribuição, ele introduz a abnegação, o sacrifício. O inimigo é, por definição aquele que causou ou nos causará algum tipo de dano. O princípio da justiça requer que o dano seja reparado de forma adequada. E isso é uma espécie de direito daquele que foi ultrajado pelo inimigo. O amor abnegado proposto por Cristo determina exatamente que o ofendido abra mão do direito a retribuição em face da ofensa sofrida. Dito de outro modo, o nosso inimigo tem uma dívida em relação a nós. Recebê-la é um ato de justiça, mas isso não expressa o amor, o amor conforme o Mestre ensina em seu sermão. Para Cristo, portanto, só podemos amar se o nosso amor é capaz de transcender a mera justiça. Isso porque, a orientação não é apenas para que rejeitemos a reparação da ofensa, mas que sejamos capazes de rogar a Deus pelo bem do inimigo. E o que é o amor se não a busca do maior bem do objeto amado? Obviamente, a manifestação de tal amor requer abnegação em grau extremo, um sacrifício desinteressado, algo que, como vimos não se encontra na concepção socrática. Philip Yancey em seu livro *O Jesus que eu nunca conheci* descreve de modo marcante o tipo de amor vivenciado pelo mestre das parábolas. Segundo ele,

A mais poderosa mensagem de Jesus era o seu inextinguível amor pelas pessoas que o traíram – especialmente por elas. Quando Judas conduziu uma turba linchadora para o jardim, Jesus o chamou “Amigo”. Os outros discípulos o abandonaram, mas ele continuou amando-os. Sua nação mandou executá-lo, mas, enquanto se estendia nu, na postura da desgraça máxima, Jesus ergueu-se para gritar: “Pai, perdoa-lhes...” (YANCEY, 2002, p. 156).

O caráter sacrificial e misericordioso do amor vivenciado por Cristo expressa-se de modo contundente em sua disposição para perdoar. Somente alguém guiado por essa concepção do amor seria capaz de declarar em relação aos seus algozes: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. De fato, essa compaixão e mansidão capaz de perdoar o próprio inimigo, conforme a análise de Borchert, foi algo que chocou não

apenas os padrões da cultura greco-romana, mas a própria compreensão judaica. Até mesmo os discípulos mais íntimos ficaram desalentados e escandalizados com essa estranha forma de amar. Como o Messias poderia assumir uma postura tão passiva e condescendente em relação aos seus inimigos? Que justiça era essa capaz de tratar com ternura o seu próprio carrasco? Imaginem Sócrates, diante do julgamento que precede a sua morte, rogando aos deuses o perdão para os seus acusadores. Definitivamente, nada que foi registrado sobre esse episódio nos autoriza a pensar em atitude semelhante. Da boca do filósofo grego, Meleto e seus consortes ouvem acusações severas, palavras que combinam ódio e desprezo. Podemos afirmar que a apologia de Sócrates é uma espécie de vingança verbal contra seus acusadores. Por meio do discurso, ele procura destruir a dignidade daqueles que estavam destruindo sua vida. Seu desejo de vingança é visto até mesmo no modo como prenuncia a ruína moral do filho de Ânito, um de seus acusadores. Em suma, perdoar o inimigo é impossível para Sócrates porque, na sua compreensão, o amor não passa de predileção e preferência. Cristo perdoa porque ama de modo compassivo e sacrificial.

5 Entre a coragem e o pavor

Sócrates: – *Causa-me admiração que o guarda tenha te deixado passar.*

Críton: – *Conhecemo-nos porque me vê aqui amiúde e, além disso, me deve muitos favores.*

Sócrates: – *E por que ao sentar-te ao meu lado não quiseste me acordar?*

Críton: – *Por Zeus, não, Sócrates! Em teu lugar eu recearia estar acordado e sentindo tamanha angústia; por isso, a partir do momento em que entrei aqui e admirei o teu sono sereno, não quis, acordando-te, privar-te do desfrute de momentos tão ditosos. Em verdade, Sócrates, admirei teu caráter desde que te conheci, mas jamais tanto quanto agora, ao ver-te suportar esta desgraça com tanta serenidade.*

Sócrates: – *Seria ridículo, Críton, na minha idade, recear a morte.*

(PLATÃO, **Trecho de um diálogo entre Sócrates e Críton**).

Ele, por sua vez, se afastou cerca de um tiro de pedra e, de joelhos, orava dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua e sim a tua (...) E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra. (Evangelho de Lucas 22:41, 42 e 44).

O modo como Sócrates e Jesus se comportaram diante da morte é, provavelmente, o tópico mais importante em um estudo comparativo entre os dois personagens. Da parte do filósofo grego, a morte é encarada com serenidade e coragem, um heroísmo inaudito capaz deixar perplexo até seus discípulos mais íntimos. A propósito, tal atitude adequa-se muito bem à mentalidade socrática segundo a qual filosofar não é outra coisa senão se preparar para a morte. A coragem do mestre de Platão ao aproximar-se a hora derradeira percebe-se, por exemplo, no modo como ele recusa qualquer tentativa de evitar a pena capital imposta pelas autoridades atenienses.

Em um dos muitos diálogos ambientados no contexto do julgamento e morte de seu mestre, Platão reproduz a conversa ocorrida entre Sócrates e Críton na manhã que antecedeu a sua morte. O discípulo viera visitar o mestre logo cedo para comunicar-lhe acerca de um plano ousado para salvar sua vida. Ele confessa que muitos discípulos, inclusive ele, já haviam colocado seus bens à disposição para arrecadar a quantia com a qual poderiam subornar as autoridades. Declara ainda a disposição de amigos estrangeiros em receber Sócrates com honrarias em suas cidades. Na compreensão de Críton, em qualquer lugar do mundo, o filósofo ateniense teria boa acolhida. Desejando que Sócrates aceitasse o seu plano, Críton chega a apelar para que o mestre pensasse na condição de seus filhos, no modo como eles ficariam desamparados após a morte do pai (PLATÃO, 2004). Obviamente, se existisse qualquer sentimento de medo da parte de Sócrates em relação à morte, os apelos de Críton teriam caído como uma luva, suas palavras teriam sido acolhidas como justificativas autênticas para que o filósofo evitasse a morte, teriam servido para afastar da consciência do filósofo qualquer sentimento de vergonha por ter se recusado a aceitar corajosamente o momento final e beber o cálice letal. No entanto, o mestre não se permitiu convencer pelas palavras emotivas do discípulo. De fato, para alguém que acreditava que, diante da morte, o homem deve apresentar-se com silêncio reverente seria bastante estranho se utilizar de expedientes reprováveis para adiar o seu momento.

À exceção de Platão que se encontrava doente, nos momentos que antecederam a sua morte, Sócrates gozou da companhia de seus principais discípulos. Nos momentos finais, os pupilos oscilaram entre dois sentimentos: a tristeza pela perda e o êxtase em perceber tamanha demonstração de coragem do mestre diante de um destino tão trágico. O choro dos discípulos é a expressão desse turbilhão de sentimentos confusos que lhes invade a alma. Ele expressa ao mesmo tempo decepção e admiração. A propósito, os discípulos não são os únicos a chorar a morte de Sócrates. Até o guarda que o acompanhou chorou atravessado pela tristeza da morte e pela admiração em relação à conduta firme do filósofo ateniense. Esse sentimento de admiração dos discípulos pela bravura do mestre é bem captado pelas palavras de *Fédon*:

Naquele dia, minhas impressões foram de fato estranhas, pois, em vez de condear-me da morte de um amigo a quem eu estimava tanto, tive a impressão de que seu destino fosse ditoso, porque eu me encontrava junto a um homem feliz, feliz por seu comportamento, pelas palavras que proferia e pela coragem e serenidade com que faleceu (PLATÃO, 2004, p. 118).

Além da postura resoluta de Sócrates em aceitar a sua condenação, merece destaque a tranquilidade que o filósofo grego expressa enquanto espera pelo cálice letal da cicuta. Para retomar o diálogo citado na abertura desse tópico, observamos que, na noite que antecede a hora fatídica, de modo surpreendente, Sócrates entrega-se a um sono tranquilo e demorado. A tranquilidade de Sócrates causa espanto no próprio Críton, que prefere adiar ao máximo possível o encontro do mestre com a assombrosa realidade da morte. Como seu espírito poderia encontrar-se tão sereno sabendo do destino inexorável que lhe aguardava? Seu espírito não deveria estar se debatendo angustiando diante da tragicidade daquele momento? Nas horas que preludiam a sua morte não se percebe qualquer alteração no ânimo de Sócrates. Na maior parte do dia decisivo, o filósofo grego dedica-se ao diálogo com seus discípulos, demonstrando a sua fortaleza de espírito. A propósito, o silêncio é, por vezes, a indicação dos tremores que assolam o espírito e o fazem encerrar-se em si mesmo; uma perturbação que rouba o

vigor da palavra, que deixa o indivíduo ruminando sozinho e contemplando a imagem fantasmagórica do inevitável. Sócrates, no entanto, não silencia, fala porque deseja comunicar a todos a sua bravura e grandeza. Em alguns momentos, o mestre de Platão chega a esboçar uma dose de ironia ao falar acerca de sua morte, como se vê na declaração seguinte: “Acredito que ainda me resta tempo para um banho. Convém, a meu ver, lavar-me antes de tomar o veneno e não deixar para as mulheres o trabalho de lavar um cadáver” (PLATÃO, 2004, p. 186). Quando interpelado por Críton sobre como gostaria que os discípulos ordenassem o seu sepultamento, responde em tom de gracejo e com um sorriso irônico nos lábios: “Da maneira como quiserem, mas vocês devem me pegar e cuidar para que eu não fuja de vocês” (PLATÃO, 2004, p. 187).

Contrariando as intenções de Críton e dos demais discípulos, que desejam adiar ao máximo a partida do mestre, Sócrates pede para que o veneno seja trazido sem demora. Nem mesmo quando o cálice de cicuta lhe é oferecido, a expressão tranquila do pensador grego se altera. Serenamente, ele pergunta ao guarda que lhe acompanhava se poderia fazer uma oferenda a alguma divindade com aquele líquido letal. Conforme é descrito no *Fédon*, depois de orar aos deuses, diante do choro inconsolável dos discípulos, Sócrates levou a taça aos lábios e esgotou-a sem a menor hesitação ou asco. Ao ingerir a cicuta teve ainda tempo para selar o seu ânimo varonil diante da morte. De modo tranquilo, solicitou a um de seus discípulos: “Críton, devo um galo a Asclépio. Por favor, paga a minha dívida, não te esqueças” (PLATÃO, 2004, p. 190). Enfim, nenhum assombro, nenhum tremor, nenhuma hesitação, nenhuma perturbação de espírito parecem afligir o velho filósofo na hora derradeira.

A serenidade, firmeza e coragem de Sócrates ao deparar-se com a morte contrastam de modo marcante com a batalha agonizante que inquietou o Messias nas horas que antecederam a sua paixão. Borchert, seguindo o seu argumento habitual, explora essa diferença, destacando como o tormento de Cristo diante da morte tornou-se a maior demonstração de escândalo, seja para os gentios seja para os próprios judeus. A senda dolorosa e angustiante de Cristo principia ainda na noite anterior à sua morte na escuridão silenciosa do Getsêmani. É neste ambiente ermo, onde as aves noturnas unem seu canto monótono em uma marcha fúnebre, que o mestre contempla pela primeira vez a face sombria da morte. Muito diferente de Sócrates, que parece antecipar a chegada da cicuta, sozinho entre as árvores do jardim, Jesus rogava ao Pai que, se possível, passasse dele aquele cálice. Curiosamente, o cálice que tranquiliza o filósofo é o mesmo que atormenta Jesus. Um está diante do momento que selará a sua grandeza e virtude, o outro enfrenta a hora mais dolorosa de sua existência. Coragem e pavor, serenidade e angústia, indiferença e temor, são termos que expressam a antítese que separa os dois mestres. A consciência da proximidade da morte abala sensivelmente o ânimo de Cristo. Os termos empregados pelos evangelistas como tristeza, angústia, pavor etc. demonstram como a sua paz fora transtornada pelos abalos da dor. “Minha alma está profundamente triste até à morte, ficai aqui e vigiai comigo”. Estas são as palavras do Nazareno conforme o registro de Mateus. Outra tradução possível dessa comovente passagem pode ser, na opinião de Mounce (1996, p. 254), a seguinte: “A tristeza de meu coração é tão grande que quase me esmaga”. Lucas acrescenta um detalhe à agonia do Messias, ressaltando que o seu suor converteu-se em gotas de sangue¹⁰ que umedeciam

¹⁰ Segundo o Dr. Truman Davis no artigo denominado *A crucificação do ponto de vista médico*, Apesar de muito raro, o fenômeno de suor de sangue é bem documentado. Sujeito a um stress emocional, finos capilares nas glândulas sudoríparas podem se romper, misturando assim o sangue com o suor. Este processo poderia causar fraqueza e choque. Atenção médica é necessária para prevenir hipotermia.

a terra. Na verdade, o Getsêmani apenas preludiava o caminho de dores que seria trilhado pelo Messias em sua Paixão. Spurgeon, em seu sermão sobre *A morte de Cristo*, descreve cada passo do comovente sofrimento experimentado por Jesus:

Lá está o Salvador indo para a Sua Cruz, totalmente fraco e abatido com o sofrimento. Sua alma está doente e triste com Ele. Não há calma divina ali. Seu coração está tão triste que Ele desmaia nas ruas. Os soldados o pregam na cruz. Há uma compressão severa em sua face, como se uma agonia indizível estivesse arrancando o seu coração – como se mais uma vez o Getsêmani estivesse acontecendo na Cruz – como se a sua alma ainda dissesse, — Meu Pai, se for possível, afasta de mim esta cruz; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres (Mateus 26.39) Ele não vai cantar as mais doces canções que já vieram dos lábios do mártir? Ah, não – é um terrível gemido de desgraça que jamais poderá ser imitado. —Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? (SPURGEON, 1858)

Como vimos acima, na narrativa acerca de Sócrates, é o pensador ateniense que dorme enquanto seus discípulos estão acordados. O velho filósofo se dedica a um sono tranquilo enquanto seus pupilos se atormentam tentando inutilmente prolongar a sua comunhão com o mestre. São os discípulos que estremecem ao virem o tempo da vida de Sócrates se esvaindo diante de seus olhos. Distintamente, no caso de Jesus, são os discípulos que dormem enquanto o mestre tem o espírito assolado pelos tremores da morte. Mesmo os discípulos mais próximos não são capazes de velar com ele naquela hora fatídica. Esta solidão, certamente, deve ter tornado a noite do Getsêmani uma experiência inefavelmente dolorosa. A propósito, a solidão do Messias nas horas que antecedem a sua morte é outro ponto que acentua o distanciamento entre o mestre das parábolas e o mestre da ironia. Nas horas que antecedem a sua morte o filósofo grego é acompanhado de pertos pelos seus principais discípulos. Neste contexto, não faltam palavras laudatórias celebrando as virtudes e grandeza do mestre. Os pupilos parecem sentir a necessidade de usufruir dos últimos lampejos da memorável sabedoria socrática, por isso, evitam afastar-se do mestre. Na contramão desse triunfalismo, a solidão experimentada por Cristo se constitui em uma amostra do inexplicável sofrimento do Messias. Yancey descreve a solidão de Jesus na noite que antecede a sua morte nos seguintes termos:

Com frequência, Jesus se retirava à parte para orar, às vezes mandando os discípulos embora num barco para poder passar a noite a sós com o Pai. Nessa noite, entretanto, ele precisava da presença deles. Por instinto, nós, os humanos, desejamos alguém do nosso lado no hospital na noite de uma cirurgia, na enfermaria quando a morte nos espreita e em qualquer grande momento de crise. Precisamos do reconfortante toque da presença humana – o confinamento solitário é o pior castigo que nossa espécie tem imaginado. Percebo na narrativa do Getsêmani nos evangelhos um profundo sentimento de solidão que Jesus não havia sentido antes (YANCEY, 2002, p. 191)...

Tal solidão é muito mais do que a mera ausência física de pessoas a quem amamos. Pedro, Tiago e João estão com Cristo no Getsêmani, mas a solidão de Jesus indica que os discípulos não eram capazes de identificar com a dor do mestre. “Nenhuma hora pudestes velar comigo”, reclama o Messias denunciando o abandono em que se encontrava a sua alma. Obviamente, o mestre galileu sabia que ninguém, nem mesmo o mais fiel discípulo, seria capaz de beber o cálice terrível que lhe estava reservado, mas ele certamente ansiava a companhia dos seus discípulos quando o cálice

da morte paralisasse sua vida.; que algum dos mais chegados pudesse lhe ajudar a carregar a cruz quando ele, vencido pelo cansaço, tropeçasse no caminho angustiante do Gólgota; que aqueles com quem ele repartira o pão na última ceia estivessem junto à cruz para dar-lhe um pouco d'água quando a sede causticante lhe ressecasse a língua; que fosse um dos seus diletos companheiros que tomasse o seu corpo inerte e depositasse no sepulcro. Mas nada disso ocorreu. No último momento o Filho do homem foi completamente abandonado por seus discípulos, para não falar de Pedro que o negou abertamente. Se Sócrates foi seguido de perto pelos seus discípulos, Cristo foi abandonado por todos, até mesmo por Deus. De fato, o ápice da solidão do Messias é, certamente, alcançado na cruz quando, tomado de agonia indizível, o Filho experimenta o desamparo do próprio Pai. Chesterton descreve em *O homem eterno* a grandeza e singularidade desse momento:

Quando um grito foi ouvido saindo daquela escuridão com palavras terrivelmente distintas e terrivelmente ininteligíveis, que o homem nunca haverá de entender durante toda a eternidade que elas para ele adquiriram; e por um instante aniquilador um abismo que não cabe em nossa cabeça se abriu exatamente na unidade do absoluto: e Deus fora abandonado por Deus (CHESTERTON, 2010, p. 219).

A coragem socrática diante da morte percebe-se muito claramente no caráter ativo, independente e autossuficiente de Sócrates. Durante todo o relato, as necessidades e limitações do filósofo grego parecem ser meticulosamente omitidas. Em momento algum percebemos o velho mestre pedindo algo a seus discípulos como se precisasse de algum consolo terreno. Nenhum pão para lhe saciar a fome, ou uma porção de água para lhe mitigar a sede, nem mesmo a presença de antigos amigos que pudessem lhe proferir palavras alentadoras naquela triste hora. Se dorme profundamente, seu sono é muito mais testemunha de sua coragem de espírito do que um indicativo de suas limitações. Como vimos, até mesmo uma tentativa de auxílio da parte dos discípulos no sentido de evitarem a sua morte é rejeitada desdenhosamente pelo mestre. O mestre certamente receia que sua grandeza possa ser eclipsada por esse expediente. Diante de sua morte, portanto, Sócrates parece transcender as debilidades próprias da condição humana. O relato da Paixão, não obstante, parece realçar as limitações e necessidades de Jesus. Cada um dos evangelistas parece querer estampar na mente de seus leitores a humanidade do mestre com todas as suas carências e fraquezas. Na última noite, o mestre sente a necessidade de partilhar o pão quente da comunhão com os seus discípulos na Última Ceia. Horas depois, no silêncio noturno do Getsêmani, compelido pela assombrosa vertigem que brota da contemplação da morte, reclamaria a companhia dos amigos mais íntimos. Durante a dolorosa caminhada ao Gólgota, quando a exaustão o leva a cair, precisa que um desconhecido seja forçado a levar a sua cruz. A sentença de Plutarco (*apud* STOTT, 2006, p. 123), segundo a qual "todo criminoso condenado à morte de carregar nas costas a sua própria cruz", parece ter sido contrariada no caso de Cristo. No Calvário, quando o sol implacável tornava a sua sede insuportável, precisou de água demonstrando mais uma vez as limitações próprias de sua humanidade. Já quase perdendo a sobriedade, quando a respiração difícil renunciava a morte por asfixia, dá uma última demonstração de sua condição carente. Em um brado que ecoa através dos portais da eternidade e seguido do mais inquietante silêncio, o Filho estremece diante do abandono do Pai.

De fato, a singularidade que envolve o pavor de Cristo diante da morte é um ponto que o distancia não apenas de Sócrates, mas é algo que transtorna até mesmo a

concepção judaica respaldada pelos relatos das mortes dos mártires. Uma breve análise das narrativas que cercam as circunstâncias da morte desses servos de Deus demonstra a sua firmeza e serenidade diante da hora fatídica. Basta lembrar o modo corajoso como Sansão sacrifica a própria vida para destruir os filisteus. O relato da morte de Estêvão contém um testemunho inspirador da firmeza do primeiro mártir cristão. Pedro dorme tranquilamente na prisão mesmo sabendo que Tiago havia sido decapitado e sabendo que poderia ser o próximo a ter o nome escrito no livro dos mártires. Silas e Paulo, reduzidos ao escuro de uma prisão, cantavam louvores a Deus, mesmo sabendo que poderiam ser mortos na manhã seguinte. Um exemplo ainda mais comovente dessa firmeza dos mártires e o modo como esta conduta os distingue do pavor de Cristo diante da morte pode ser encontrado no relato da crucificação do apóstolo André. Nos termos de Foxe,

Depois disso, foi pronunciada a sentença de condenação: André deveria ser crucificado, por ensinar e promover uma nova seita e por abolir a religião dos seus deuses. Ao dirigir-se ao lugar do martírio e ao ver ao longe a cruz já preparada, André não mudou nem de semblante nem de cor, seu sangue não se retraiu, a voz não hesitou, o corpo não desfaleceu, a mente não se perturbou, o entendimento não lhe faltou, como costuma acontecer com os homens. Sua voz, porém, falou extravasando a abundância do seu coração, e uma ardente caridade mostrou-se nas suas palavras como centelhas de fogo. Disse ele: “Ó cruz, extremamente bem-vinda e tão longamente esperada! De boa vontade, cheio de alegria e desejo, eu venho a ti, discípulo que sou daquele que pendeu de ti: pois sempre fui teu amante e sempre desejei te abraçar” (FOXÉ, 2003, p. 19).

Enfim, se a reação das pessoas que cercam Sócrates nas horas que antecedem a sua morte oscila entre a tristeza e a admiração, ao ponto de o próprio guarda não ter conseguido conter as lágrimas diante da morte de uma alma tão nobre, no caso de Cristo, o ânimo das pessoas vai da negação dos discípulos ao escárnio das autoridades.

Considerações finais

Os tópicos analisados acima, a saber, a noção de virtude, o papel da humildade, o sentido do amor e a reação diante da experiência da morte, parecem indicar o completo malogro das tentativas de uniformizar Sócrates e Cristo. Reiterando a hipótese abraçada inicialmente, embora seja possível traçar certos paralelos de natureza mais trivial entre os dois personagens, é preciso salientar que o filósofo grego e o mestre judeu divergem consideravelmente em pontos centrais. Suas biografias e ensinamentos, por conseguinte, não são como peças de um mesmo quebra-cabeças que se unem para formar um sentido. Com isso também endossamos duas teses tradicionais sobre o relacionamento entre Sócrates e Cristo. Primeiramente, como diria Kierkegaard (2011), se for possível pensar um relação entre o Nazareno e o pensador ateniense, é preciso sempre definir Cristo como aquele que está para além do socrático. Esse mote enunciado pelo pensador dinamarquês nas *Migalhas filosóficas*, aplica-se muito bem aos tópicos aqui analisados.

Em sua compreensão acerca da virtude, Cristo está para além daquilo que Sócrates poderia conceber e aceitar; a exaltação da humildade, de igual modo, extrapola as expectativas do filósofo grego. Por sua vez, a concepção do mestre das parábolas acerca do amor transcende qualquer tentativa de confinar este conceito ao seu caráter

prediletivo. Enfim, a reação à morte e o envolvimento na dor decorrente dessa experiência parece selar a tese kierkegaardiana.

Em segundo lugar, retomamos a tese esboçada por Otto Borchert da singularidade escandalizadora da figura histórica de Jesus. O autor alemão, como se sabe, lança mão desse princípio para atestar a impossibilidade de Cristo ter sido uma criação dos discípulos ou de qualquer outra mente, uma vez que a imagem retratada colidia contra todas os padrões e expectativas vigentes. Se Borchert é bem-sucedido em estabelecer a historicidade de Cristo por meio desse argumento é uma discussão que não se admite no presente momento, não obstante, é preciso reconhecer a sua pertinência ao asseverar a singularidade radical de Cristo não apenas em relação a Sócrates. De fato, a figura de Cristo contraria os principais modelos de sábio fornecidos tanto pelo judaísmo quanto pela cultura greco-romana. Esta singularidade, da pessoa de Jesus, acreditamos, confunde-se com a singularidade e grandeza de sua missão. Isso parece explicar, pelo menos parcialmente, o pavor de Jesus diante da morte. No caso da morte de Cristo, temos algo muito mais profundo do que o mero encontro entre o existente e a situação-limite, entre o ser e o não-ser, entre o infinito e o limite, entre a plenitude e a carência. Aquele que é completamente ser precisa não só experimentar o não-ser da morte, mas suportar o abandono do pai enquanto ser. Há, portanto, uma dimensão transcendental na morte de Jesus, uma exigência cujo cumprimento implica no mais agudo sofrimento. Não nos esqueçamos de que o questionamento pungente: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” é seguido pela não menos emblemática declaração de que tudo está consumado.

Tal fato, a nosso ver, singulariza a figura de Jesus. Ademais, os grandes sábios como Sócrates, diante da morte, podem até ter experimentado a ausência de Deus enquanto homens, mas só Cristo sentiu a ausência de Deus enquanto Deus. Sua solidão é a solidão infinita, aquela que só poder ocorrer quando nos encontramos abandonados pelo único ser com o qual o nosso ser verdadeiramente se completa: esta foi a solidão experimentada por Cristo.

Referências

- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BORCHERT, Otto. **O Jesus histórico**. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- CHESTERTON, G. K. **O homem eterno**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- _____. **Ortodoxia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- FOXÉ, John. **O livro dos mártires**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém nos tempos de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neo-testamentário. São Paulo: Paulus, 1983.
- KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. 2. ed. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Migalhas filosóficas**: Um pouquinho de filosofia de João Climacus. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MOUNCE, Robert H. **Novo comentário bíblico contemporâneo: Mateus**. São Paulo: Vida, 1996.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- _____. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

- _____. **A República.** In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- _____. **Críton.** In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- _____. **Fédon.** In: Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2004.
- PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Eliana Oliveira de (editores). **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia.** São Paulo: Novo século, 2004.
- SPURGEON, C. H. A Morte de Cristo, sermão 173, pregado em 24 de agosto de 1858. <http://www.projetospurgeon.com.br/2012/01/a-morte-de-cristo/>, acessado em 12 jul 2009.
- STOTT, John. **A cruz de Cristo.** São Paulo: Vida, 2006.
- XENOFONTE. **Apologia de Sócrates.** In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- _____. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates.** In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- YANCEY, Philip. **O Jesus que eu nunca conheci.** São Paulo: Vida Nova, 2002.